

Cad.Est.Ling., Campinas, (35):77-93, Jul./Dez. 1998

SUJEITO E LINGUAGEM: A CONSTITUTIVA ALTERIDADE

BETH BRAIT
(Universidade de São Paulo)

“Não escrevo, não falo! - Para assim não ser: não foi, não é, não fica sendo!”
João Guimarães Rosa

INTRODUÇÃO

O tema desta mesa, “Sujeito e linguagem”, ressalto a importância do conectivo *e*, se oferece como um território extremamente marcado por inúmeras tentativas de desbravamento, povoado, portanto, por demarcações e bandeiras bastante expressivas. Entretanto, e apesar de tudo, continua sendo um paradoxal descampado que necessariamente temos de percorrer e remapear a cada vez que tentamos circunscrever “sujeito”, seja qual for o sentido que atribuímos a esse termo, e seu par constitutivo “linguagem”, termo que também mobiliza diferentes e complexas abordagens.

Por ser esse o tema da mesa, e por ser ela composta de especialistas que têm dedicado suas pesquisas, de diferentes formas, às complexas relações que se estabelecem entre essas duas categorias teórico-existenciais, procurarei alinhar algumas questões que considero recorrentes no estágio atual das reflexões lingüístico-discursivas, momento em que a questão da unidade e da diversidade, das instabilidades e das estabilidades rege diferentes tentativas de constituição dos estudos lingüísticos e de seu objeto.

Para tanto, vou circunscrever uma espécie de atalho, que me permitirá, não sem riscos, ensaiar mais um trecho do mapa desse perigoso mas atraente território representado pelas relações existentes entre sujeito e linguagem. O atalho escolhido é, na verdade, um complexo conjunto discursivo construído sobre o que convencionamos denominar “norma culta” e que, circulando socialmente, promove imagens e constitui sujeitos que, dentre outras características, reagem verbalmente em função desse imaginário.

E é tendo esse atalho como horizonte que me permitirei focalizar o que considero o aspecto constitutivo das relações existentes entre os termos sujeito e linguagem, isto é, a complexa natureza heterogênea que caracteriza, envolve e dimensiona ambos. Dessa forma, naturalmente, começam a ser explicitados os fundamentos teóricos que a

um só tempo motivam e problematizam os sentidos aqui atribuídos a sujeito e linguagem. Posturas genericamente denominadas materialistas e psicanalíticas, bem como a impossibilidade contemporânea de torná-las excludentes quando o objeto de estudo é o discurso, convidam a uma leitura do imaginário criado em torno da norma culta e da discursividade que permite sua circulação.

1. DIÁLOGO DE FONTES

Nesse percurso, serão convocados alguns dos teóricos que têm funcionado como fonte gerativa e polemizante do que denomino aqui pólos materialista e psicanalítico, que emergem de diversas áreas do conhecimento, tal como a história, a sociologia, a filosofia, a lingüística, a psicanálise, as teorias estéticas, e que estabelecem os diálogos, conflituosos ou não no que diz respeito aos conceitos e às relações entretidas entre sujeito e linguagem. Refiro-me aos que desde o início e ao longo de todo este século XX têm, de diferentes formas, apontado para a relação constitutiva existente entre sujeito e linguagem e que, especialmente a partir da década de 60, têm se tornado mais audíveis, participando de forma efetiva do universo dos estudos lingüísticos.

Esse é o caso de Freud, Bakhtin e seu círculo, Lacan, Benveniste e até do filósofo Hegel que, mesmo não sendo uma voz do século XX, nele continua atuando, interferindo de forma polêmica. Isso, naturalmente, para citar apenas alguns dos que curiosamente mantiveram efervescentes diálogos e tomaram parte ativa no universo teórico referencial que vai alimentar, motivar e até mesmo separar as diferentes posturas contemporâneas.

A título de início de conversa, basta lembrar que Émile Benveniste, em 1956, publicou no primeiro número da revista *La Psychanalyse*, o ensaio “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” que, contrapondo-se a alguns aspectos da teoria freudiana, tem por função “colaborar com a tese [lacaniana] segundo a qual o inconsciente está estruturado como uma linguagem” (Dosse, vol.2:63). Não é possível desconsiderar a dimensão teoricamente dialógica aí instituída. Benveniste, o reintrodutor da questão do sujeito no panorama dos estudos lingüísticos, por meio da abordagem enunciativa, é um dos interlocutores. Os outros dois são Freud e Lacan. Portanto, o problema do sujeito, da subjetividade e de uma possibilidade de compreensão da idéia assujeitamento já estava presente, num diálogo não exatamente simétrico entre a lingüística e a psicanálise, antes mesmo da década de 60, momento em que foram publicados, no mesmo ano de 1966, os *Problèmes de linguistique générale*, de Émile Benveniste e os *Écrits*, de Lacan.

Ou então, para situar mais um pólo dessa “dialógica teórica”, algumas décadas antes, mais precisamente em 1925 e 1927, anos da primeira e da segunda versão de *O Freudismo*, Bakhtin/Voloshinov, ou Voloshinov-Bakhtin, escreve esse ensaio crítico, até hoje bem pouco explorado, mas que explicita, na década de 20, a polêmica materialismo-psicanálise no que diz respeito às relações existentes entre sujeito e linguagem. Mais recentemente, Jean Peytard, em seu livro *Mikhail Bakhtin: Dialogisme et analyse du discours* (Peytard, 1995), propõe uma leitura de *O Freudismo* que, de

certa forma, aponta para essa direção. O autor sugere uma interpretação, bastante coerente, a partir da seguinte questão: “Como o discurso da sociedade, o discurso da ideologia que circula, pode ser interiorizado pelo sujeito?” (Peytard, 1995: 26). Para Peytard, se a escolha de Freud como motivo de reflexão está motivada por sua relação de oposição ao marxismo, alguns aspectos essenciais estão em jogo nesse ensaio e serão retomados, como pilares da teoria bakhtiniana, em obras posteriores.

O primeiro deles é o que diz respeito à problemática do **discurso interior**, termo utilizado por Bakhtin e por seu círculo, em sua relação com o **discurso dóxico** da sociedade, ou seja, o conjunto dos discursos que circulam numa comunidade, bem como suas formas de organização, de presença nos enunciados, de assimilação e constituição dos sujeitos.

O segundo, diretamente ligado ao primeiro, é a concepção da sessão de psicanálise como um gênero discursivo, uma conversação, uma interação face a face, um “mini-universo social”, “um afrontamento conflitual” no qual se estabelecem relações complexas entre o médico e o paciente, identificadas por um conjunto de “reações verbais”. O que Peytard sugere, e que aqui estamos utilizando e avançando um pouco a partir da perspectiva do conjunto das reflexões bakhtinianas, é que, para Bakhtin/Voloshinov, a psicanálise é, ao mesmo tempo, uma atividade discursiva e uma análise do discurso. Isso é possível constatar, por exemplo, nos seguintes trechos: “Todos os produtos do inconsciente só nos são acessíveis pela intermediação da língua” (Bakhtin, 1980:117). Ou, ainda: “Todos os produtos do inconsciente revestem a forma de um desejo ou de um impulso, todos se traduzem pelas palavras” (Bakhtin, 1980:171). Está aí, portanto, o esboço da teoria da interação verbal, que vai marcar o pensamento bakhtiniano e que está presente em vários momentos de sua obra, incluindo o ensaio “O discurso na vida e o discurso na arte”, escrito provavelmente em 1926 e que foi incluído no volume *O Freudismo*.

E o terceiro aspecto, diretamente interligado aos dois anteriores, é que esse ensaio sobre a teoria freudiana marca o momento em que o círculo bakhtiniano começava a “descobrir e a delimitar o problema da **interdiscursividade** ou, se quisermos, da circulação/troca/integração dos enunciados numa comunidade definida sociolinguisticamente” (Peytard, 1995:29). Essa constatação não é desprezível se estamos levando em conta os esforços, aparentemente opostos e contraditórios dessas duas correntes de pensamento, na direção de construção de teorias que dessem conta das relações constitutivas, mas particularmente heterogêneas, existentes entre sujeito e linguagem.

Para fecharmos essa pequena amostra de exemplos de fontes basilares, e entrarmos nas formas discursivas assumidas pelos discursos que configuram o imaginário sobre a chamada norma culta, não seria possível excluir o diálogo já mencionado com alguns aspectos da filosofia hegeliana. Integrada ao horizonte das posturas materialistas a respeito das relações sujeito-linguagem, esse pensamento filosófico pode ser surpreendido num momento específico da teoria lacaniana sobre o sujeito.

Se no paradigma psicanalítico é fundamental o papel de Lacan no reconhecimento da relação constitutiva entre linguagem e inconsciente, e necessariamente

sujeito-identidade-linguagem, e se o marco tem sido situado nos seus *Écrits*, publicados em 1966, a historiografia lingüístico-psicanalítica reconhece também que essa postura já vinha sendo construída desde a década de 30, época de seus primeiros trabalhos. Esse é o caso de *A psicose paranóica nas suas relações com a personalidade*, de 1932, e mais especificamente *O estádio (a etapa) do espelho. Teoria de um momento estruturante e genético da constituição da realidade, concebido em relação com a experiência e a doutrina psicanalítica*, de 1936, e que teve uma nova versão, bastante modificada, em 1949, cujo título é *O estádio (etapa) do espelho como formador da função do “eu”*.

Esses trabalhos iniciais interessam aqui porque é justamente neles que estão situadas as relações com a *Fenomenologia do espírito*, de Hegel, aparentemente assimiladas nos cursos de Kojève, na École des Hautes Études, como aponta François Dosse. Lacan teria retido “*as lições da dialética hegeliana, em especial a representada pelas relações senhor-escravo (...), sobretudo, uma leitura kojéviana de Hegel que se traduz por uma acentuada descentração do homem, da consciência, uma crítica à metafísica e a preponderância concedida ao conceito de desejo. Essa noção do desejo encontra-se no centro da teoria lacaniana e retoma a leitura que Kojève propõe de Hegel, em que ‘a história humana é a história dos desejos desejados’*” (Dosse, 1993:117).

Assim, no momento da elaboração dos dois textos acima mencionados, Lacan utiliza o ensino hegeliano para reler Freud e estabelecer a idéia do “inconsciente como estrutura constituinte do Outro, como alteridade radical de si mesmo”. Portanto, como insiste François Dosse, antes de ser o Lacan dos *Écrits*, ele foi marcado pelo ensino hegeliano, o que o levou a ver a personalidade “constituir-se por etapas, até a realização do que se chama a personalidade completa, que atinge a transparência hegeliana da ordem da razão numa história completa”.

Na experiência do estádio ou etapa do espelho¹, a criança conheceria três momentos, exatamente como na dialética hegeliana: “*daí resulta para o sujeito que ele vai constituir a sua identidade a partir de uma alienação imaginária, vítima dos enganos de sua identificação espacial*” (Dosse, 1993:119).

Na retomada desse texto, que acontece em 1949, é possível reconhecer uma leitura mais estruturalista que genética, na medida em que o “estádio” deixou de ser um momento do processo genético para ser matriz fundadora da identificação, da relação estabelecida pelo sujeito entre exterioridade e interioridade, daí resultando uma ‘configuração inultrapassável’” (Dosse, 1993:119). A partir daí, Lacan abandona a idéia hegeliana de uma possível personalidade pronta e acabada, transparente para si mesma. Não há mais ultrapassagem dialética possível da estrutura inicial. Em conseqüência, o inconsciente escapa, para ele, à historicidade. Portanto, a idéia

¹ “Essa experiência do estádio do espelho na criança entre seis e oito meses conhece três momentos como na dialética hegeliana. A criança percebe primeiro sua imagem refletida pelo espelho como a de um outro, que ela tenta apreender: permanece na fase imaginária. Segundo tempo: ‘A criança é sub-repticiamente levada a descobrir que o outro do espelho não é um ser real, mas uma imagem’. Finalmente a criança realiza a sua identificação primordial durante o terceiro tempo, conscientizando-se de que essa imagem reconhecida é a dela (...). Daí resulta para o sujeito que ele vai constituir a sua identidade a partir de uma alienação imaginária, vítima dos engodos de sua identificação espacial” (Dosse, 1993:119).

lacaniana de divisão de sujeito, proveniente de Freud, implica em si mesma uma crítica ao hegelianismo.

Esses aspectos foram aqui lembrados, selecionados, justamente para confirmar a idéia de que a perspectiva teórica da heterogeneidade constitutiva do sujeito e da linguagem, justamente a que desestabiliza as versões a respeito da unicidade do sujeito e da univocidade do sentido, ganham dimensões diversas na psicanálise, nas teorias sociais, culturais e históricas, contracenando dialeticamente com as abordagens lingüístico-discursivas. Na lingüística, nas teorias enunciativas e discursivas, de um Ducrot, de uma Jacqueline Authier-Revuz, e mesmo dos brasileiros, dos quais temos vários representantes aqui presentes, as pesquisas se desenvolvem justamente no sentido de mobilizar essas fontes, e suas diferentes intermediações, no sentido de promover, através do estudo de formas específicas de discursos que circulam socialmente, as particularidades das relações existentes entre sujeito e linguagem. Evidentemente, as escolhas das fontes e das formas de sua mobilização implicam diferentes concepções de sujeito e de linguagem.

Feitas essas considerações, exponho, de maneira parcial, algumas formas de presença de imagens da norma culta, selecionadas no material do Projeto NURC/SP (Castilho & Preti, 1987), que estão explicitadas por meio de diferentes formas de metalinguagem. O estudo dessas imagens integra uma pesquisa maior, voltada para as particularidades arquitetônicas do texto oral², para as formas de constituição do imaginário da norma culta e para os mecanismos interacionais que aí atuam.

Consideremos: a) com Ducrot, que o “O sujeito é uma entidade plural, muito mais complexa do que julgam os filósofos da linguagem” (Ducrot, apud Dosse, vol.2:70); consideremos, ainda, com Bakhtin, que “A linguagem é uma experiência de enunciação, uma experiência singular e pessoal por parte do sujeito do conjunto dos enunciados de uma sociedade” e que “Todo locutor na construção de seu enunciado é sensível ao ambiente discursivo”, integrando em sua fala uma avaliação da situação, do contexto enunciativo, dos enunciados que já estão lá. Assim, o sujeito enuncia e se enuncia”, constituindo seu julgamento não como produto unicamente individual, mas como produto de “uma comunidade de avaliações existentes no meio social para o qual o discurso se acha destinado” (Bakhtin/1980:195). Dentro desse universo teoricamente delimitado, não se pode deixar de considerar, especialmente, os difusos limites entre os possíveis domínios dessa situação e a situação efetivamente construída pelos discursos que a atravessam. Diversos locutores se interpõem na constituição das significações e dos sentidos mobilizados pelos enunciadores.

Focalizando trechos do Inquérito 333 (Castilho & Preti, 1986) e em particular o trecho compreendido entre as linhas 141 a 300, é possível localizar tópicos e subtópicos diretamente ligados à determinada imagem das normas em geral e da norma culta em

² Refiro-me aqui à pesquisa pessoal, ligada ao PROJETO/NURC-SP/USP, e cujos resultados parciais podem ser conferidos no texto “O processo interacional” (Brait, 1994:189-214) e na comunicação “Estratégias interacionais e configuração do texto falado” (no prelo) apresentada no XXI Congresso Internazionale di linguistica e filologia romanza - Università di Palermo, Facoltà di Lettera e Filosofia, Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, setembro de 1995). Após esta mesa, um texto específico sobre o imaginário da norma culta, intitulado “Imagens da norma culta, interação e constituição do texto oral”, foi publicado na obra *O discurso oral culto* (Preti, Dino, org.).

particular, bem como uma avaliação da imagem que os falantes *instruídos*, *cultos*, têm dessa sua condição.

As protagonistas encontram-se em condições de igualdade no que diz respeito à linguagem que utilizam: são paulistanas, ambas do mesmo sexo, têm a mesma idade, o mesmo estado civil, formação universitária, profissão com igual valor social. Uma é jornalista e a outra escritora. Sem dúvida esse conjunto de características tem uma função especial na condução da organização textual, quer do ponto de vista dos tópicos e subtópicos que vão sendo desenvolvidos e vão evidenciando os pressupostos, os valores culturais aí produzidos e reproduzidos, quer da cumplicidade lingüística e estilística que vai pontuando o diálogo e marcando os elos de coesão e conseqüente coerência do texto oral.

É nesse sentido que se pode pensar numa *dimensão consensual do diálogo*, num conjunto em que o *acordo* entre os interlocutores está fortemente presente, e que pode assumir formas diversas e em particular miméticas e que são assim resumidas por Kerbrat-Orecchioni (1991:124): *fenômeno de eco, de reprodução inconsciente do comportamento postural, mímico, vocal ou verbal, do parceiro da interação*.

Esse conjunto de aspectos, que procuraremos evidenciar mais adiante, configura uma *“homogeneização, de grau evidentemente variável, das vozes dos co-locutores. Um tal princípio é a base de toda a reflexão sobre as interações: se para poder inter-agir, é preciso, no início do processo, dispor de competências heterogêneas (são dois ideótipos que entram em contato na interação), no transcórrer do desenvolvimento da troca, essas diferenças vêm a se neutralizar parcialmente, graças à intervenção do fenômeno de sincronização interacional, de coordenação e de harmonização dos comportamentos respectivos das pessoas em presença”* (Kerbrat-Orecchioni, 1991:124).

Entretanto, apesar desse ponto de partida ideal, dessa aparente simetria de características e de papéis a serem desempenhados no diálogo, bem como do princípio de homogeneização que vai reger a construção conjunta do texto, é necessário observar também as conseqüências textuais e discursivas diferenciadas que essa situação produz, como exigência do trabalho interativo. Não há apenas cumplicidade e solidariedade, mas há também um certo tipo de embate, de disputa, na medida em que o diálogo implica *“vozes diferenciadas, seres diferentes que podem verdadeiramente dialogar”* (Kerbrat-Orecchioni, 1991:121).

No trecho em questão, atentas às particularidades dessa situação concreta de comunicação, as interlocutoras sabem que o tema *“televisão”* sobre o qual deverão discorrer, embora ligado à vida profissional de ambas, é um pretexto para a observação das particularidades da linguagem falada culta. Sabem que foram escolhidas para constituírem informantes dessa pesquisa porque pertencem à assim denominada categoria dos falantes *cultos*, *instruídos*. É nesse sentido que é possível observar as formas interativas de condução do tema geral proposto pela documentadora (televisão), que vai sendo transformado, subvertido para tópicos e subtópicos que dizem respeito à linguagem em geral, aos diferentes falares reconhecidos e conhecidos por essas interlocutoras *cultas*.

As considerações, motivadas por particularidades de falas de artistas de televisão, aspecto que preserva em certa medida a face da documentadora, o papel por ela desempenhado nesse evento interacional, constróem progressivamente uma imagem da norma culta em oposição às demais normas existentes. Essa construção, reveladora do imaginário sociolingüístico-cultural que cerca a norma culta e seus usuários, vai sendo conduzida pelas duas interlocutoras de forma homogênea, partilhada, constituindo um dos pilares mestres da coerência que caracteriza o texto.

O tópico principal recai sobre a linguagem, dando continuidade ao trecho inicial do inquérito³, e vai sendo particularizado em subtópicos afins e metalingüísticos, voltados para um discurso sobre a norma, no sentido explicitado por Stanley Aléong: “há um discurso da norma, ou seja um pensamento ou uma visão de linguagem segundo a qual se pode classificar os fatos lingüísticos de acordo com categorias como bom, mau, correto, puro, errôneo, padrão etc.” (Aléong, s/d:270). Os subtópicos, aqui reconhecidos como metalingüísticos, são os seguintes:

a) *a necessidade de codificação da língua:*

- 141 L2 quer dizer não há codificação((rindo)) como é que
 não há codi/
 L1 é
 L2 não pode haver uma codificação... num país assim não é?

b) *a necessidade dos artistas cursarem a Escola de Arte Dramática⁴ para disciplinarem sua pronúncia:*

- 145 L1 mas é por isso que eu digo que a a às vezes a gente diz
 “bom esses artistas deviam cursar ... a a Escola de
 Arte Dramática” ... a maioria dos bons artistas que
 nós temos hoje na televisão cursou
 escola de arte dramática

c) *a linguagem caipira como estigma de determinados atores:*

- 153 L1 e isso e todavia falam:: MUI::ti Araci Balabanian é
 uma das poucas que fala bem ... e ela
 [

³ O trecho inicial foi analisado em “O processo interacional”, capítulo 9 da obra **Análise de textos orais**.

⁴ EAD - Escola de Arte Dramática criada por Alfredo Mesquita, em São Paulo, no final da década de quarenta, destinada a melhorar o nível dos intérpretes brasileiros.

- 155 L2 fala por exemplos
L1 é de Mato Grosso ... e ela é de Mato Grosso...
Araci não é paulista...
- L2 mas ela fez o curso aqui
[
L1 ela veio para São Paulo fazer a EAD aqui...
mas ela é de Mato Grosso ... agora os ou/ o Juca de
Oliveira ela fala feito um caipira do interior do Estado
...você reparou? é uma pronúncia absolutamente
caipira...
L2 mas () ele carrega
- 165 L1 do interior do Estado
L2 mas é voluntária né?
L1 não ... não é voluntária não ... é difícil você repara ...

d) a variante “não culta” como estigma profissional:

- 168 como é difícil... para o Juca interpretar determinados
papéis ... se bem que os produtores já viram já
perceberam então ele ele está sempre adequado ao papel
de homem ... ele faz muito na televisão um homem rural
... então está bem ... mas ele tem uma pronúncia bem
acaipirada ... do interior do Estado de São Paulo

e) o papel da escola na transmissão da norma culta:

- 174 então não é uma questão de formação da Escola de
175 Arte Dramática onde as pronúncias já estão ... “jogos já
estão feitos” como se diz ... isso seria do curso primá::rio
... ensinar um brasileiro a falar ... pelo menos quando
quer falar bem depois ele pode partir para as gírias...

f) a língua e a identidade nacional:

- 180 acho que há uma língua () uma nossa que está se
construindo todos os dias como o país também que está
se construindo todos os dias ... ela tem que se

g) a construção de uma língua e as influências benéficas de outros idiomas:

acrescentar com influências ... éh francesas ... alemãs
e e e italianas como é o caso de São Paulo ... e não
vejo nisso ... deturpar o idioma eu acho que com

185 isso nós o acrescentamos...

h) as influências maléficas no processo de construção de uma língua:

L2 eu acho H. mas eu acho também ... eu
 fico () revoltada com
 [
L1 como você não vai ...
L2 a influência excessiva por exemplo do Do cinema ... da

190 história em quadrinhos ... histórias que não têm nada
 que ver com (nós) mas absolutamente nada que ver com a
 nossa formação ... com a nossa história

i) a influência dos italianos:

200 L1 é ... agora quand/ quando há uma influência por exemplo
 [
 mas quando você vê ...
 L2 você citou o italiano ... o italiano está morando aqui ...
 miLHAres ...
 L1 uhn ...

205 L2 não
 L1 é
 [
 L2 é ... e eles são brasi/ são são *propri braziliani* né?
 L1 é ... *propri braziliani* ...
 [
 L2 *propri braziliani* ... de modo que:: é muito justo

210 e essa:: ...
 L1 eles imprimirem a
 L2 (esse) entrosamento é muito justo ...

j) as relações entre o português do Brasil e o português de Portugal:

217 L1 Mas olha a propó::sito da língua da terra jovem e da
terra antiga da terra de origem que no caso seria Portugal
220 ... eu:: ... há muitos anos quando eu já estava acho que
começando na minha carreira de jornalista ... eu::...
tive uma entrevista ... com uma senhora que era
embaixatriz do:: Canadá ... em ..eh:: no Bra/ eh::
(...)

236 é muito engraçado porque o imigrante ... preservou a
língua do seu país ... no momento em que ele imigrou
... e guardou esta língua para seus filhos para sua
descendência ... como patrimônio como se fosse

240 realmente um reTRAtO da sua Pátria ... então essa
língua vai evoluindo no seu país de origem ... e no
país ... jovem para o qual ela foi transportada ela fica mais
ou menos estagnada ... que é o caso dessa área francesa
do Canadá ...

k) as formas de permanência da língua de origem no país novo: a expressão do francês clássico na fala dos camponeses do Canadá francês e os vocábulos clássicos no sertão brasileiro:

233 ...no Canadá francês
...ouve-se dos...camponeses franceses expressões ...
de Rabelais ... expressões de um francês clássico ... então
(...)

245 disseram também que em vários lugares do sertão ...
nosso se ou/ se ouve ainda eh:: vocábulos ... ahn ... mais
ahn clássicos já em completamente em desuso ...
não é?

l) a caracterização da linguagem do caboclo como “língua originalíssima e inteligente”:

252 tem () entre os caboclos ...
L1 é::
L2 tem muita coisa ainda
[

255 L1 tem muita coisa ... de mistura com
linGUA::gem do caboclo que aliás é uma linguagem
originalíssima ... e inteligente

m) *o emprego do ‘vós’ no começo do século e sua permanência na fala popular*

L2 e o:: e o emprego do vós não é
L1 é () o emprego do vós
[

260 L2 o emprego do vós
L1 é ...
L2 também que aliás até algum ... até o:: acho que o fim
do século passado ... éh mamãe sempre como:: contava
que elas tinham umas amigas que eram sempre

265 carinhosas eram umas velhinhas muito simpáticas então
elas se vi/iam iam visitá-las ... e almoçavam com elas e
elas diziam “comei batatin::nha” ...
L1 comei? (riu)
[
L2 “comei batatinha” quer dizer ofereciam as coisas

270 assim ... nessa nessa ... nessa linguagem usavam ainda
normalmente essa linguagem isso não é ... começo do
século não é?
L1 não e no meio
[
L2 ainda

275 L1 é engraçado e no meio assim do
L2 usando vós
[

n) *a atitude prescritiva dos que dominam a norma culta em relação aos que não a dominam e a avaliação estética das variantes:*

L1 POvo ... em São Paulo eu me lembro quando eu
era ... mocin::nha ... eu tive uma empreGAda ... éh que
ela atendia o telefone e dizia ... “aqui é a casa de madame

280 H. ... aí ... eu fiz ver que não se dizia assim que que eu
que eu não era madame H. e:: expliquei eu diSSE ...

“olha fulana você não::me chama de madame H.
... porque maDAME aqui no Brasil ... é mais ou menos
empregado no caso casa de madame ... como se fosse

- 285 uma casa de uma coleteira -- não tenho nada contra a ((rindo)) a classe das coleteiras prezo muito ... mas enfim na ((pigarreou)) -- fosse uma coleteira ((pigarreou duas vezes)) ... uma cabeleireira ... que não é o caso ... de uma:: residência particular então você não ... não diga “casa de madame H. e não e nem me chame de madame --porque ela só me chamava de madame--eu acho muito desagradável () você me chame dona H. não me chame de madame”... aí ela pôs a mão no quadril me olhou--eu nunca hei de me
- 295 esquecer isso faz tantos anos ...--”por que a senhora não quer que eu lhe dê madamia?” mas
[
L2 madamia
... delicioso
L1 é ... madamia...
[
- 300 L2 que eu lhe dê madamia ((riram)).

No que diz respeito a esse conjunto de subtópicos que contribui para a construção e produção de sentido e efeitos de sentido sustentado pelo imaginário em torno da norma culta, é possível observar que são esses elementos que fornecem as primeiras informações sobre a dimensão ao mesmo tempo homogênea e heterogênea da constituição textual oral. Existe um processo colaborativo de constituição temática do texto que implica a situação específica de interação verbal e uma certa ordem de valores culturais, herdados e transmitidos socialmente e que estão aí reproduzidos pelas interlocutoras nos turnos que vão sendo alternados, dimensionando a reapropriação desses elementos culturais no desenvolvimento da interação.

Logo no início, L2 apresenta a idéia da “codificação” e L1, concordando com essa idéia, exemplifica com a Escola de Arte Dramática e sua função na formação dos “*bons artistas que nós temos hoje na televisão*”. Nesse sentido, não só L1 dá seqüência ao subtópico proposto por L2, mas também, através da particularidade do exemplo, estabelece a relação com o tópico geral proposto pela documentadora, ou seja, televisão. Assim, a participação interacional atua, também, na macro estrutura sintática da coerência textual: os comentários sobre a linguagem não são gratuitos ou ocasionais, mas estão diretamente interligados com o que foi proposto pela documentadora e com os pressupostos sobre o domínio da língua boa, bonita e correta.

O desenvolvimento desse subtópico vem com a colaboração de L2 que dá exemplo de artistas que vieram de outras regiões do país e que freqüentaram essa escola, o que permite a L1 inserir, como seqüência natural, os subtópicos da “fala caipira”, da pronúncia “acaipirada”, opondo fala rural a fala urbana, opondo falas regionais a um padrão paulistano disciplinado pela Escola de Arte Dramática. Dando continuidade a seu turno, L1 desloca a função da EAD para a escola e sua função na constituição da pronúncia e da língua em geral, o que lhe possibilita tocar na questão das influências. Apropriando-se desse último aspecto, L2 introduz a questão da relação existente entre língua e nacionalidade, criticando a influência do cinema e da história em quadrinhos que “*não têm nada a ver com (nós) mas absolutamente nada a ver com a nossa formação ... com a nossa história*”, e apontando para outras influências, como a dos italianos, que representam um “entrosamento” entre língua nacional e outras línguas, entre povo brasileiro e outros povos.

É também o tema da influência que permite a L1 dar seqüência ao texto, desenvolvendo um longo turno sobre as relações lingüísticas existentes entre um país colonizado e seu colonizador, aspectos que perduram, segundo L1, ao longo da história do país colonizado, e que são exemplificados com os casos do Brasil e do Canadá, e com a possível presença de termos clássicos no sertão. L2 confirma essas hipóteses lingüísticas apresentando outros exemplos que vão sendo, alternadamente, complementados por L1 e L2, com o caso da linguagem do caboclo, com o emprego do vós e com a criatividade presente na linguagem popular.

Esse conjunto confirma a existência de uma unidade temática, gradativamente organizada e desenvolvida pelas interlocutoras. Enquanto participantes ativas do evento, elas co-operam nesse nível da constituição textual, empenhando-se na seqüência temática do evento, através de subtópicos interligados, coesos e responsáveis, juntamente com outros fatores, pela coerência textual.

Fica evidente também que essa homogeneidade temática está apoiada em questões gerais de linguagem e de língua, interligando-se ao tema televisão por meio da exemplificação do caso dos artistas. Entretanto, é necessário assinalar que a interação está, nesse nível, apoiada sobre pressupostos culturais compartilhados pelas interlocutoras no que diz respeito à noção de norma culta, de linguagem correta, do bem falar e que, ao serem parcialmente explicitados, vão demonstrando o quanto elas estão levando em conta o conjunto da cena enunciativa, isto é, além das próprias presenças, a presença da documentadora contribui para a instalação de aspectos muito particulares em relação à temática proposta.

Sob esse enfoque, elas não apenas se consideram falantes da norma culta da cidade de São Paulo, aspecto que procuram evidenciar através dos cuidados com o vocabulário, com as construções sintáticas e com uma evidente preocupação geral com a forma como se expressam, mas também tematizam, metalinguisticamente, essa competência com a explicitação de conceitos referentes ao que consideram pertinente a essa norma. Provavelmente, são esses os conceitos de língua, registros e níveis considerados por elas como constitutivos do universo dos estudiosos interessados em registrar o diálogo em pauta, e que são, de fato, sua verdadeira audiência. Ambas se dirigem aos estudiosos da norma culta de forma aberta e apaixonada.

Essa constatação demonstra que a construção do texto, também no nível temático, mas não só nele, acontece enquanto construção de relações sociais entre sujeitos, incluindo a construção de “imagens identitárias” e a representação da situação em que estão envolvidos. Parafraseando Robert Vion (1992), que se apóia nos trabalhos lingüísticos de inspiração etnometodológica, é possível afirmar que o desenvolvimento da interação verbal implica o estabelecimento de relações sociais entre os sujeitos envolvidos. Esses sujeitos falam de determinadas posições sociais e dão vida aos papéis desempenhados através das marcas que vão constituindo o texto elaborado em conjunto. O lugar do sujeito falante vai definindo-se ao mesmo tempo em que se define o lugar do seu interlocutor: os lugares são necessariamente simétricos ou complementares. Esses lugares não reproduzem mecanicamente as relações sociais objetivas, mas seguindo seus modelos constituem-se na situação específica de interação.

Ainda no que diz respeito ao trecho escolhido, as protagonistas se posicionam no espaço imaginário e simbólico dos falantes da norma culta e também dos que são capazes de refletir sobre ela. Constróem esse espaço como o centro a partir do qual é possível pensar as questões de língua e de linguagem, considerando os demais lugares como hierarquicamente inferiores, ainda que se possa colher, como aspecto pitoresco e exceção, exemplos “deliciosos” da presença da norma culta no falar do “povo”. Isso confirma a passagem em que Abric (1987:56) diz: “*o indivíduo não reage em função da situação objetiva à qual ele é submetido, mas em função da representação que ele faz dessa situação*”.

De fato, apesar desse empenho das interlocutoras em mostrar seus conhecimentos lingüísticos, incluindo em sua fala até mesmo a relação língua-identidade nacional-norma culta, isso não significa que durante a fala elas não tenham deslizado por construções sintáticas que certamente elas mesmas não incluiriam nesse conceito de linguagem correta e bonita que elas defendem.

Ainda no que diz respeito ao Inquérito 333 e as formas de metalinguagem que funcionam interativamente para a construção de uma imagem da norma culta, é necessário assinalar a participação de diferentes fontes enunciativas na construção desse espaço textual. As formas assumidas por essas fontes, a maneira como vão sendo introduzidas no diálogo e como vão sendo nomeadas e mostradas pelas interlocutoras do trecho em questão podem ser detectadas nas seqüências assinaladas a seguir.

- | | | |
|-----|----------|---|
| 145 | L1 | <i>a gente</i> diz:
“bom esses artistas deviam de cursar ... a a Escola de Arte Dramática’ ... a maioria dos bons... |
| 174 | L1 | questão de formação da da Escola de Arte Dramática onde as pronúncias já estão ... “jogos já feitos” <i>como se diz</i> ... |
| 207 | L2
L1 | é ... eles são brasi/ são são <i>propri braziliani</i> né?
é ... <i>propri braziliani</i> ...” |

228	L1	francês... e <i>ela me disse</i> uma coisa muito interessante que se verifica muito nos países novos
245	L1	... porque me
246		<i>disseram</i> também que em vários lugares do sertão...”
249	L2	<i>papai</i> mesmo tem nos livros dele ele tem muitas expressões... completamente:: caídas em desuso e:: portuguesas e por/... e ... de português clássico
263	L2	do século passado ... é <i>mamãe</i> sempre como:: contava que elas tinham umas amigas que eram sempre
278	L1	era mocin::nha ... eu tive uma <i>empreGada</i> ... é que ela atendia o telefone e dizia ... “aqui é a casa de madame H. ...”
295	L1	esquecer isso faz tantos anos... “ <i>por que que a senhora não quer que eu lhe dê madamia?</i> ”

O que se observa nesse conjunto é que as vozes enunciativas, evocadas de forma explícita através da inclusão do discurso direto, do discurso indireto, de pseudo-provérbios e de termos estrangeiros funcionam exatamente como no texto escrito, se considerarmos a questão sob o ângulo do imaginário da norma culta que envolve o diálogo: são formas de autorização do que está sendo dito. O discurso da norma “*remete a um aparelho de referências que compreende exemplos de bom uso em locutores investidos de autoridade e de prestígio em matéria de linguagem*” (Aléong, s/d:270).

Esses procedimentos têm a função discursiva de confirmar a heterogeneidade constitutiva do discurso, quer ele se apresente sob a forma de texto oral ou escrito, circunscrevendo, ao mesmo tempo, particularidades do universo lingüístico e social dos interlocutores.

Bastaria uma incursão sobre o campo semântico recoberto pelos termos *a gente, papai, mamãe, empregada*, e outros que funcionam como fontes discursivas do diálogo em questão, para confirmar o universo configurado socialmente, onde estão bem definidos os locutores investidos de prestígio em matéria de linguagem e os demais, que deles se diferenciam sociolingüisticamente.

Se por um lado os valores culturais a respeito do uso da língua advêm de discursos que estão em curso na sociedade e que se inserem na fala das interlocutoras nessa situação específica de interação, como é o caso da valorização da norma culta e da desvalorização da pronúncia caipira do interior e de outras regiões brasileiras, a exposição consciente e explícita de outras vozes constitui a condição de

heterogeneidade marcada e mostrada que se apresenta no texto oral com a mesma constância que no texto escrito.

Considerando, a partir dos fatores aqui sintetizados, que o trecho escolhido para análise constitui uma seqüência textual, ou seja, forma um “*bloco de trocas interligadas por um forte grau de coerência semântica e/ou pragmática*” (Kerbrat-Orecchioni, 1991:218) e que “*a organização interna das seqüências varia em função de numerosos fatores - tipo de interação e de situação interativa; objetivo, duração, circunstâncias do encontro; freqüência dos encontros entre as pessoas em interação; grau de conhecimento mútuo dos participantes, natureza da relação interpessoal etc.*” (Kerbrat-Orecchioni, 1991:221), é possível reconhecer a condição de homogeneidade textual e de heterogeneidade discursiva e enunciativa aí instaladas.

Essa constatação, sem dúvida, reitera as complexas relações estabelecidas entre sujeito e linguagem e a possibilidade de apreendê-las nos discursos que circulam socialmente, mas também confere ao material do NURC/SP uma nova possibilidade de descrição, análise e interpretação. Se de fato esse material nos dá poucos elementos para saber o que é a norma culta, sem dúvida nos oferece um amplo universo do imaginário sobre essa norma e sua circulação social, incluindo a forma e os parâmetros que motivaram a organização do *corpus* e a seleção dos informantes.

E isso nos faz voltar, necessariamente, ao diálogo entre fontes interdisciplinares Benveniste, Bakhtin, Freud, Lacan, Hegel etc., mencionadas no início dessa exposição. Como o sujeito social, advindo da vertente bakhtiniana, pode ser perseguido pela materialidade lingüística e pelos discursos que a expõem, esse inquérito, bem como vários outros, permite entrever as fortes relações existentes entre esse imaginário em torno da norma culta, “da língua bela e correta” e, no caso, a postura discursiva costurada pelo imaginário de poder e superioridade representado pelas duas “autênticas” paulistanas. Mas essa é uma outra conversa que pelas luzes das fontes da análise do discurso aqui evocadas terá de se embrenhar nos estudos a respeito das “raízes do Brasil” e de seus discursos fundadores, revendo o valor do Projeto NURC enquanto arquivo da polifonia expressiva das vozes que o constituem.

BIBLIOGRAFIA

- ABRIC, J-C. 1987. *Coopération, compétition et représentation sociales*. Fribourg, Suisse, Édition Delval.
- ALÉONG, Stanley. s/d. “Normes linguistiques, normes sociales, une perspective anthropologique”. In: BÉDART & MAURIS (org.) *La norme linguistique*. Paris, Le Robert. pp. 255-280.
- BAKHTIN, Mikhaïl (Voloshinov). 1927/1980. *Le freudisme*. Trad. Guy Verret. Lausanne, L'Âge d'homme.
- _____. 1992. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. G. Pereira. São Paulo, Martins Fontes [1ª ed. Moscou, 1979).
- BENVENISTE, E. 1988. “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”. In: *Problemas de Lingüística Geral*. Trad. Glória Novak e Maria Luiza Neri. 2ª ed. Campinas, Pontes/Editora da Unicamp. pp.81-94.

- BRAIT, Beth. 1994. "As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso". In: BARROS & FIORIN (org.) *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo, Edusp. pp. 11 a 27.
- _____. 1995. "O processo interacional". In: PRETI, Dino (org.) *Análise de textos orais*. 2ª ed. São Paulo, FFLCH/USP. pp.189-214.
- _____. 1997. "Imagens da norma culta, interação e constituição do texto oral". In: PRETI, Dino (org.) *O discurso oral culto*. São Paulo, Humanitas, pp.45-62.
- CASTILHO & PRETI. 1986. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo, T.A. Queiroz. Vol. 1.
- CASTILHO & PRETI. 1987. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo, T.A. Queiroz/Fapesp. Vol.2.
- DOSSE, François. 1993. *História do estruturalismo*. Trad. Álvaro Cabral. Campinas/Editora da UNICAMP, São Paulo/Editora Ensaio. Vol. I. p. 117.
- FRANÇOIS, Denise. 1979. "Da noção de norma em lingüística". In: MARTINET, J. (org.) *Da teoria lingüística ao ensino da língua*. Trad. Yara P. D. de Souza. Rio, Ao Livro Técnico. pp.87-97.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. 1991. "Hétérogénéité énonciative et conversation". In: PARRET, H. (dir.). *Les sens et ses hétérogénéités*. Paris, CNRS. p. 121-138.
- PEYTARD, Jean. 1995. *Mikhaïl Bakhtin. Dialogisme et analyse du discours*. Paris, Bertrand-Lacoste.
- PRETI & URBANO. 1988. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP. Vol.3.
- ROBERT, Vion. 1992. *La communication verbale: analyse des interactions*. Paris, Hachette.
- ROUDINESCO, É. 1986. *Histoire de la psychanalyse en France*. Le Seuil.